

# Ricos mudam de postura

24 SET 1985

O discurso do presidente José Sarney na abertura oficial da Assembléia Geral da ONU foi enaltecido por políticos de todos os partidos, consolidando a esperança de que o sistema financeiro internacional venha a adotar critérios mais equânimes na distribuição de responsabilidades quando negociar com o Brasil e outros devedores, como enfatizou o Chefe do Governo brasileiro em sua fala.

Um trecho da fala de Sarney, que provocou aplausos demorados no ecumênico plenário da ONU, chamou particularmente a atenção dos políticos, pela força de seu conteúdo: "O Brasil não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome. Temos consciência de que, a pagar essa conta, com estes altos custos sociais e econômicos, teríamos, em seguida, de abdicar da liberdade, porque débito pago com miséria é conta paga com a democracia."

Outra advertência candente que Sarney fez aos países ricos é de que, mesmo crescendo entre cinco a seis por cento ao ano de 85 a 1990, o nosso país alcançará ao final desse esforço a mesma renda per capita que tínhamos em 1980, o que dá uma clara idéia do empobrecimento da Nação e do povo.

A esperança dominante no meio político é de que Sarney não deixe o discurso esgotar-se na retórica, como o que o general João Figueiredo fez, há poucos anos, também na abertura da Assembléia Geral da ONU. Político de rara sensibilidade, Sarney deve provocar desdobramentos com o seu pronunciamento.

Há sinais positivos no ar. No mesmo momento em que falava o Presidente brasileiro, os ministros das Finanças dos sete países mais ricos do mundo encerravam reunião nos Estados Unidos, decidindo baixar o dólar para evitar uma alta dos juros, alta que seria um golpe fatal para os países devedores do Terceiro Mundo.

Outro sintoma indicativo de mudança na posição dos ricos foi a notícia de que a Casa Branca está disposta a usar o peso de seu prestígio para aumentar as contribuições ao Banco Mundial de forma a reforçar os fundos desta instituição e permitir-lhe assegurar ajuda mais efetiva aos países devedores do Terceiro Mundo.

Esses sinais positivos corroboram as informações otimistas que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, trouxe de sua conversação com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière ao presidente José Sarney. Muitos políticos e observadores duvidaram que aquele organismo internacional tivesse mudado de posição para compreender que o Brasil não pode aplicar seu recetário recessivo.

Pelas informações que chegam dos Estados Unidos, muitos cépticos verificam que Dilson Funaro não mentiu quando informou a Sarney e à imprensa que o FMI finalmente compreendeu que a inflação brasileira "é inercial" e não se sensibilizaria com um combate clássico, remédio capaz de exacerbar os conflitos sociais até um grau imprevisível.

Como permanecerá em Nova Iorque até amanhã, voltando ao Brasil só na quinta-feira, Sarney terá oportunidade de sentir a repercussão de seu discurso junto aos latino-americanos e, principalmente, aos países credores, a começar pelos Estados Unidos.